



e-cadernos ces

08 | 2010

Rituais contemporâneos

Introdução

Vania Baldi, Silmara Cimbalista and Lídia Oliveira



Publisher

Centro de Estudos Sociais da Universidade
de Coimbra

Electronic version

URL: <http://eces.revues.org/440>

ISSN: 1647-0737

Electronic reference

Vania Baldi, Silmara Cimbalista e Lídia Oliveira, « Introdução », *e-cadernos ces* [Online], 08 | 2010, colocado online no dia 01 Junho 2010, consultado a 01 Outubro 2016. URL : <http://eces.revues.org/440>

The text is a facsimile of the print edition.



Introdução

Ao rito atribui-se geralmente um carácter de formalidade, de convencionalidade, de estereotipia e rigidez, como se fosse algo de marginal, insignificante e irrazoável. Na acentuação destas características reside uma ampla e histórica tendência a pensar a ritualidade de uma forma prejudicial. Pode-se afirmar que esta cultura anti-ritualista remonta à modernidade Ocidental: esta tendência pressupõe uma hierarquia de valores entre as experiências que remetem à espiritualidade e aquelas que remetem à corporeidade, entre a dimensão interior e subjectiva e aquela exterior e visível, entre a vida e a forma, a intenção e o operar. Como se esta perspectiva remetesse o rito para uma dimensão de algo supérfluo, idolátrico, patológico, maníaco, desesperado, de ausência de profundidade e de substância.

“Pensamento mítico”, “pensamento pré-lógico”, “pensamento simbólico” são algumas das expressões que geralmente se utilizaram para definir a actividade intelectual dos membros das sociedades primárias, em oposição ao pensamento racional, lógico e dedutivo das culturas “desenvolvidas”. Estas definições congruentes com uma “violência epistémica” de herança colonial são, portanto, ainda condicionantes na maneira de pensar o ritual. Um dos desafios deste número dos *e-cadernos CES* é valorizar a questão da ritualidade enquanto representativa de uma “inesgotável diferença epistemológica do mundo”.

A experiência ritual pode ser interpretada como uma mentalidade, uma forma de pensar e de se comportar que ultrapassa a distinção entre tradição e inovação, entre primitivismo e civilização. As próprias sociedades contemporâneas nos oferecem exemplos de uma dissolvença e recíproca contaminação das velhas contraposições. Assistimos, de facto, a um duplo e ambivalente movimento histórico: ao surgimento de condições sociais próximas ao “estado de natureza” nas metrópoles do Norte-Global contrapõem-se, no Sul-Global, as organizações de movimentos sociais que lutam pela dignidade e pela emancipação social; ao mesmo tempo, verificamos a presença de comportamentos ditos tribais no Ocidente e, de

outro lado, o impacto da racionalidade tecnológica e económica nos contextos históricos e geográficos menos desenvolvidos.

Os novos sincretismos globais são sempre mais um espelho das interferências e das interacções (lúdicas ou conflituais, simbólicas ou materiais) entre as múltiplas diferenças éticas, políticas e culturais que perpassam as sociedades actuais. Ao mesmo tempo, estes sincretismos representam algumas novas matrizes para novas e possíveis mudanças culturais. Mesmo os diversos antagonismos e as várias lutas acerca de interesses, projectos e divisões hierárquicas que “organizam” as realidades sociais, enquanto coexistirem em qualquer lugar do mundo, não se podem mais ignorar entre si, mas precisam de momentos e contextos de ritualidade para se poderem representar e confrontar.

A potencialidade analítica e heurística do conceito de ritual fica expressa nos trabalhos presentes neste número dos *e-cadernos CES*, com textos que abordam a problemática do *corpo*, com o contributo de Luiz Correia – “Corpo, emoções e identidade”, de António Carvalho – “Self, Performativity and Vipassana Meditation” e de Juliana Abonizio e Ana Fonseca – “Modificação ritual do corpo”; a problemática da *música* com o contributo de Sara Carvalho e Helena Marinho – “Ritual and Transgression”; a problemática da *religião* com o contributo de Mauro Meirelles – “Religio et Civilis”; de Maria do Rosário Pestana – “Um ritual de regeneração e transcendência”, de Túlio de Souza Muniz – “O profundo à flor da pele”; a questão das *representações* e das retóricas culturais discriminatórias com o contributo de Júlia Garraio – “O violador muçulmano”; o tema da economia política da *saúde* e do controlo nos casos de VIH/Sida em Portugal com o artigo de Eunice Castro Seixas – “Rituais de risco e governamentalidade liberal”; a temática relativa aos efeitos da organização do *trabalho* nos rituais quotidianos dos trabalhadores das multinacionais com o estudo de Silmara Cimbalista – “Cultura da empresa”; o novo contexto *comunicacional* e relacional oferecido pelas novas tecnologias com o texto de Lídia Oliveira – “A sociedade dos fluxos comunicacionais e novos eventos rituais”.

O conjunto destes artigos focados na contemporaneidade e na transversalidade dos rituais insere-se no heterogéneo panorama dos estudos clássicos, que tentaram apreciar e individuar o significado essencial da experiência ritual: esta foi pensada como reactualização de um mito originário, como forma de manter os laços sociais, por exercitar controlo político, como maneira de conservar a tradição, como tentativa de governar a ansiedade e o medo originários, como prática de legitimação das distinções sociais, como praxe para resolver conflitos e tensões imanentes aos grupos de pertença, como produção das formas simbólicas, como hábito de

elaboração dos paradigmas cognitivos e de acção, assim como de interacção quotidiana.

No panorama dos estudos sobre o rito existiram (e continuam a existir), então, maneiras de o pensar como associado ao mito ou desvinculado dele, como funcional à formação de um agregado social ou à manutenção de uma visão do mundo, como estratégia pela inclusão de elementos novos e imprevistos ou pela degradação e rejeição de dados indesejados; enfim, como representativo de uma lógica de acção presa no movimento dialéctico entre *modus operandi* e *opus operatum*.

Vania Baldi, Silmara Cimbalista, Lúcia Oliveira